

Špánková, Silvie

Cidade e sociedade (pós)colonial

In: Špánková, Silvie. *Literaturas africanas de língua portuguesa II, Antologia de textos literários*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 80-104

ISBN 978-80-210-6978-7; ISBN 978-80-210-6981-7 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/131168>

Access Date: 17. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

5. Cidade e sociedade (pós)colonial

Este bloco temático será dedicado à imagem da cidade e da sociedade (pós) colonial que ganha relevo sobretudo na literatura angolana, tradicionalmente circunscrita ao espaço luandense. Por isso, a nossa seleção das obras apresenta alguns títulos angolanos mais recentes que, trabalhando o imaginário urbano, fornecem uma reflexão sobre o modo de viver na Luanda pós-colonial (Pepetela, Ondjaki, João Melo, Agualusa). Um surto da literatura urbana apresenta-se também na literatura cabo-verdiana que já no período colonial criara um mito urbano, o Mindelo, eternizado nas obras de António Aurélio Gonçalves e Baltasar Lopes. O maior expoente desta temática na literatura cabo-verdiana contemporânea é Germano Almeida. Não são omitidos, também, alguns exemplos contísticos da literatura moçambicana com o tema da sociedade urbana (pós)colonial, centrados na imagem de Lourenço Marques/Maputo (Craveirinha, J. Dias, L. Momplé).

António Aurélio Gonçalves: *Recaída* (1993, ed. póstuma, LCV)

Na sua obra, António Aurélio Gonçalves (1901–1984) optou por analisar o espaço mindelense, com preferência o da periferia e dos estratos do bas-fond citadino. Tal opção permitiu descrever as situações degradantes, um pouco à maneira naturalista, sem no entanto abdicar de psicologismo. A presente novela, decorrente na segunda metade da década de 40, desenvolve o tema da decadência familiar, provocada sobretudo pela predisposição para o alcoolismo, herdada de pai para filho, em que o princípio da hereditariedade é ainda reforçado pela influência nefasta do meio. Um dos pontos mais interessantes da novela compreende a descrição sugestiva do passeio noturno pela cidade em que ecoam os versos de Cesário Verde. Embora seja a última novela publicada do autor, trata-se na verdade de um dos seus primeiros escritos (alguns capítulos foram compostos e publicados na revista Claridade já em 1947–1948).

NAS NOSSAS RUAS, AO ENTARDECER

Já lá vão alguns anos, a rua produziu-me a mesma sensação: foi quando saí à tarde, pela primeira vez, depois de uma febre que durou dias. Uma leveza de corpo e de espírito, a convicção de que a vida vai recomeçar sobre bases sonhadas durante muito tempo, esta impressão de renovamento da sensibilidade, esta necessidade de movimento vagaroso, uma esperança de coisas imprevistas... Como é que disposição como esta se declarou, assim repentinamente, depois de uns poucos dias de tristeza e de concentração?

A claridade de lâmpadas distantes apanha as frontarias do lado oposto, caindo sobre elas obliquamente, de tal maneira que ficam frouxamente iluminadas, como por reflexos. Têm portas e persianas fechadas e, de momento, pelo menos, derramam sobre mim um sentimento de segurança e de intimidade que me penetra. Vultos sobem e descem, cuja sombra inclinada (alongando-se, encurtando-se) desliza sobre as paredes: de onde estou – porque a rua é bastante larga – têm o ar de sombras chinesas projectando-se e movendo-se sobre um fundo de ouro pálido. A cabeça de uma rapariguita aparece sobre uma meia porta; uma mulher assenta-se à entrada de outra casa; ambas têm o mesmo ar de distração pacífica, da qual tudo, hoje, parece participar. Automóveis passam, dobram a curva do Palácio, os faróis descrevem arcos, ferem-nos a vista – os dois feixes de luz apontados –, mudam de posição e descem ou sobem continuamente a Rua de Lisboa. À distância, o trepidar surdo de uma motocicleta repica, à flor da noite, um rufo nervoso.

Estes passeios pelo Mindelo crepuscular foram sempre do meu gosto. Livre do escritório, banhado, vestido de fresco, esqueço tudo: visitas de alguma cerimónia, encargos, tertúlias... num só termo: compromissos. Primeiro, para me pôr bem-disposto, este intervalo de vadiagem até lá para as seis e meia da tarde; as coisas sérias ficam para depois. Ando por toda esta cidade, rastreando a vida e gozando-a, sem plano, ao acaso. Sem dúvida, conheço os recantos onde é certo um momento de prazer, quanto mais não seja, de esquecimento; mas farejo o desconhecido, pronto para surpreender e cativar o imprevisto. Este não marca antecipadamente os seus pontos de passagem, mas olhem que, também, não falta.

É, antes de tudo, esta influência – ao mesmo tempo sedativa e estimulante – exercida sobre mim pela boca da noite, a adesão e a conformidade com pessoas e coisas, que sucedem aos conflitos e oposições do dia. Um fugitivo sorriso de rapariga, uma anedota de amigo, que, igualmente em trânsito, pára num momento rápido de conversa risonha; um cálice de conhaque sorvido num pátio de restaurante em bairro excêntrico, enquanto o calor abranda; a oferta de uma intimidade amorosa, quando menos se espera... um sem-conto de gostos com que a cidade, caprichosa, nos presentearia, em momentos de descuidada generosidade (no seu movimento que, aparentemente, não obedece a plano ou desígnio), mas que exigem olhos de artista para que se deixem surpreender e treino de voluptuoso para se deixarem apanhar no seu voo de ave sem destino, à procura de galho onde poisar.

Estoutra é a Rua das Sombras. Procuo o motivo por que a chamo assim. Soa o nome romântico, de um romântico barato e, efectivamente, encontrei esta designação – lembro-me perfeitamente – num romance policial. De dia, tem a banalidade e a completa ausência de gosto de uma velha rua mindelense, com o sol e a ventania desgastando paredes, descorando a pintura e esfarinhando a calça. Contudo, à noite – sombria e distante –, o que ela me lembra é rua velha e carcomida, sobrevivendo numa cidade em ruínas.

(GONÇALVES, António Aurélilo. *Recaída*. Lisboa: Vega, 1993, p. 57–59)

Germano Almeida: O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo

(1991, LCV)

Também esta ficção de Germano Almeida (1945) é localizada no Mindelo, reconstruindo a vida do Senhor Napumoceno, comerciante bem estabelecido, organizado e um tanto pedante, no momento da narração já falecido. O conhecimento desta vida é proporcionada através da leitura do testamento, com a qual de facto o romance começa. Destaca-se sobretudo o desfazamento entre o parecer (o comerciante respeitado na sociedade mindelense, visivelmente sem vícios nem paixões) e o ser (o viver íntimo da personagem, a sua paixão de um sexagenário por uma moça de vinte e dois anos).

Durante cerca de 18 meses o Sr. Napumoceno deixou-se lentamente consumir numa paixão dementada que viria a envenenar-lhe a existência porque quando finalmente a deu por finda continuou vivendo no sonho de Adélia, pela razão de ela lhe ter confessado sentir-se muito amiga de um homem cujos olhos sorriam quando a via e a tratava como uma boneca de luxo e era meigo e bom para ela.

Mas de acordo com os cadernos, a princípio o Sr. Napumoceno não via na Adélia uma mulher. Por exemplo, nunca lhe ocorrera a ideia de beijá-la, quanto mais ir com ela para a cama. Sentiu, isso sim, e desde o primeiro dia e pelos anos que lhe restaram e que foram muitos, que a amava. Mas era um amor que ele sabia não ser inocente e que ao mesmo tempo nada tinha de carnal e adorava sentar-se ao lado dela no carro e ficar aí quieto e parado e sem falar, olhando apenas e fazia-a santa e imaculada e quando ela sorria e perguntava o quê que estás a olhar?, ele só sabia responder estou a olhar para ti!, porque acabara por lhe confessar aqueles sentimentos que o acabrunhavam e lhe tiravam a paz, a todo o instante era Adélia em seu pensamento, mas uma Adélia cujas feições ele não conseguia recordar, longe dela ele nunca sabia se os seus lábios eram finos ou grossos, se o seu cabelo era curto ou longo, por

isso quando estava ao pé dela olhava-a e fechava os olhos e esforçava-se por memorizá-la e pensava não vou esquecer mais como ela é, mas esquecia sempre e um dia pediu-lhe uma fotografia, dá-me uma fotografia tua para eu te ver quando não te vejo!, e de facto ela deu-lhe, mas a fotografia não era a da sua Adélia, ele não a reconhecia naquela imagem, nada tinha da menina fugitiva que escapava à compreensão do seu espírito, por isso metera-a no fundo de uma gaveta porque a sua Adélia era outra, talvez aquela fosse a fotografia da Adélia do outro, do tal que ela disse estar fora, a Adélia dele era pura, casta e santa embora o seu amigo Fonseca se risse dessas palavras, pura e casta só se for no nariz, dizia-lhe, leva-a para a cama e acabou-se porque se sai contigo de carro irá para a tua casa e para a tua cama e assim Deus te ajude a montá-la!, mas a verdade era que nunca lhe tocara com um dedo afora daquele cumprimento do primeiro dia, porque diante dela ele era um menino que receava falar para não assustar o seu passarinho, mas um dia estavam os dois no carro em silêncio, ela ouvindo os grilos a cantar, ele ouvindo-a a ouvir os grilos, até que ela interrompeu o silêncio e disse os grilos divertem a gente e ele reparou que sim, que é divertido ouvir os grilos na noite e disse desde que saí de S. Nicolau que não ouvia grilos cantar!, mas ela não acreditou, disse que ele tinha ouvido sim, só que não lhes prestara atenção, ele concordou, o mais certo é não ter reparado!, lembro-me que quando era rapazinho nós saíamos a catar grilos debaixo das pedras, depois a gente fechava-os dentro numa caixa de fósforos e eles pensavam que já era de noite e começavam a cantar. Porque não sei se sabes, explicou, que os grilos só cantam de noite, dizem que é para ajudar a noite no seu silêncio senão o Sol não sabe orientar-se de manhã para nascer. Ela riu-se, disse que nunca tinha ouvido falar disso, mas ele confirmou muito sério, os grilos cantam para guiar as pessoas, mas coitados, o mais das vezes o que fazem é desorientar a gente porque cantam todos ao mesmo tempo, cada um a puxar para o seu lado, ninguém se entende no meio da confusão dos chamamentos. Ela ria-se, chamou-lhe de doido e ele riu-se também e suas mãos encontraram-se sem se procurarem mas juntaram-se um momento e eles surpreenderam-se do gesto e emudeceram de repente, um pudor nascendo em cada um e ele largou-a e puxou de um cigarro e começou a falar da sua infância em S. Nicolau, mas já eram passados mais de quarenta anos e ele já não tinha a certeza de ser verdade tudo o que dizia, se tudo de que se lembrava existira realmente, mas lembrou-se e contou uma estória que disse ter presenciado, sem saber na verdade se presenciara ou apenas ouvira contar, mas disse que era ainda um rapazinho quando uma vez uma vizinha parira um menino boteado. Adélia não sabia o que significava um menino boteado e ele explicou que menino boteado é aquele que nasce dentro de um saco e toda a gente sabe que as bruxas preferem comer os meninos boteados porque têm a carne mais mole e mais saborosa, e por acaso morava perto da casa deles uma mulher de Praia Branca que tinha fama de ser bruxa e por isso quando viram aquele menino tão branco e gordo e que sorria ao ser retirado do saco e nascia com os olhos abertos, todos os familiares e a vizinhança começaram logo a esconjurá-lo, a fazer figa canhota, a atirar sal sobre a casa, tudo com o intuito de proteger a criança que parecia um anjo caído do céu, mas, não obstante, poucos dias depois ele começou a definhar, a recusar a mama e então a parteira ordenou que

lhe dessem chá de rabo de lagartixa que era um eficaz esconjuro contra os bruxedos e puseram-lhe por baixo do travesseiro raminhos de manjerona e untaram-no todo com sebo de cabra, mas ao sétimo dia ele morreu na mesma e quando estavam a vesti-lo para o enterro deram conta de que ele tinha um risco de uma orelha a outra na sua cabecinha e aquele risco era conhecido como o mais claro sinal de que o menino fora embruxado e comido pela bruxa e então as pessoas alvoroçaram-se, correram para a casa da mulher de Praia Branca e começaram a esconjurar, a dizer que ela comera menino de gente, gritaram-lhe que saísse para a rua para a gente te cortar o rabo, bruxa de um raio, ela não respondeu, manteve a sua porta trancada, então uma pessoa qualquer lembrou-se de atirar uma pedra contra a porta e assim toda a gente começou a atirar pedras contra a porta e as janelas e a gritar bruxa safada, então a mulher apareceu à porta, ele ainda se lembrava do seu ar apavorado, os olhos arregalados a quererem saltar-lhe da cabeça apertada num lenço, um xaile preto a escorrer-lhe do corpo, e ficou parada na porta sem conseguir dizer uma palavra, apenas tremia como varas verdes, mas logo que ela surgira à porta os gritos tinham parado como se toda a sua figura tivesse atemorizado os presentes, porém houve uma pessoa que se atreveu e arremessou mais uma pedra que foi bater na porta por cima da cabeça dela e assim outras pedras voaram, e ela tapou a cara com as mãos e quis entrar outra vez e fechar a sua porta, porque ela não dizia nada, não falava nem se defendia, apenas tinha ficado na porta olhando, e foi então que todo aquele povo correu e invadiu a casa.

(ALMEIDA, Germano, *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*.
Alfragide: LeYa, 2009, p. 87–90)

José Craveirinha: “Mamana Fanisse”

(*Hamina e Outros Contos*, 1997, LM)

Este conto de José Craveirinha (1922–2003), um nome emblemático da literatura moçambicana, faz parte da coletânea Hamina e Outros Contos, um conjunto de estórias sobre certos lugares e tipos sociais que denunciam a miséria do povo de Lourenço Marques. Nesta narrativa desenvolve-se um dos temas sociais presentes na coletânea: a ausência do homem (por causa da emigração para as minas) obriga a mulher a trabalhar fora de casa para garantir a sobrevivência da família. A mulher sonha com uma carta e um presente do marido mas, na verdade, acaba por saber da tragédia que muda por completo a sua vida.

Ela acordava de madrugada, pegava na cesta grande e seguia a caminho da machamba, perto da barraca lá nas Lagoas.

Fanisse trabalhava a terra, curvada, os grandes seios suspensos como papaias, Sonto

às costas ou escarranchado na ilharga, a mamar. E nunca palavras que fossem de raiva contra a sua vida de mulher e nunca seu corpo rendido ao peso do chicomo nas mãos calejadas.

Muitas vezes cantava, a voz dolente, meiga, onde se descobria bem no fundo a alegria de queixar-se através das canções da sua velha raça. E a sua voz pelos campos era uma súplica aberta que o barulho dos motores dos pássaros dos mulungos abafava pela Mavalane toda. Pássaros voando com gente lá dentro. Xi!

Mamana negra cavava, cavava e a cada golpe do chicomo a terra escura abria-se em largas feridas generosas. Machamba dava mandioca, milho, m'boa que todos comiam. O resto vendiam.

Todas as manhãs ia ao Xipamanine, o grande cesto à cabeça e o pequeno fardo vivo pendurado nas costas: Sonto. Sentada no lugar do costume – senha ya xicudo –, estendia numa velha saca no chão duro a cacana com pequeninos frutos vermelhos por dentro, molhos de feijão landim em vagem e montinhos de quinhenta de amendoim ou escudo de tomate.

Assim vivia a Mamana com seu milho, a sua mandioca, o seu amendoim e a sua m'boa. Estava ali o seu problema.

Xicudo ni quinhenta! – sua voz cantava preços no bazar.

Com seu chicomo e a sua machamba e, como um fruto mais precioso, Sonto nas costas, Mamana vivia lá no fundo das Lagoas ao pé do «Vieira».

Xicudo ni quinhenta, era na vida.

Manhãzinha Mamana está na machamba.

Lá ao fundo, a massa verde dos eucaliptos tapa o horizonte como uma cortina rumorejante ao vento.

Os pés dela, descalços e encharcados do capim molhado, pegam a areia, deixam marcas no carreiro.

Capim e missava molhados de cacimba.

Visto de longe, é bonito o capim e as ramas de amendoim e da batata-doce, cobertos da humidade da noite invernosa de África.

As longas folhas do milheiral ao peso da cacimba, pendem as pontas para o chão como azagaias vergadas.

E tudo na manhã fria está branco. Campo semeado de verde com sumaúma por cima é a machamba inteira.

De longe é bonito, mas Mamana sabe. Ela poderia dizer se não fosse criança crescida qual é a beleza da machamba na madrugada cinzenta, o hálito húmido e impiedoso da cacimba branca, estendido como uma imensa capulana sobre os dois palmos de terra cultivada.

Ali, com Mamana, está Sambeca, que colimou lado a lado, palmo a palmo, o chão preto das Lagoas.

Mamana Sambeca leva as mãos à cabeça, compõe o lenço de ramagens vivas, vira-se

para a sua companheira Fanisse, o cabo do chicomo entalado entre os joelhos, cospe nas mãos, e interroga, num ligeiro arrastar da doce língua nativa, na voz cantante:

– Mamana uá Sonto, dizem que vai chegar um grande ôsi?

– Não sei – responde a Mamana dobrada para a terra, os seios pendentes.

Se vai chegar um ôsi como é que os homens da xipalapala não andaram ali a chamar, soprando com toda a força como os macambuzes, juntando o rebanho?

Depois, Mamana Sambeca volta a falar:

– Dizem que o ôsi vai acabar o mudende.

Agora a Fanisse está interessada. O quê, acabar mudende? Ajeita melhor o pequenino Sonto que dorme, a cabecinha escondida na espádua de Mamana. Junta as mãos e cospe. Está mais leve e já não sente o chão molhado e o ar cortante da madrugada.

E é cheia de esperança que nasce ela se abre em confidência: Tatana uá Sonto há-de chegar amanhã.

Depois elas calam-se cheias dos próprios pensamentos: Mudende! O Tatana do Sonto que vem do Jone. O lenço encarnado de 15\$00 num monhê do Xipamanine. Uma manta para Sonto.

Fanisse não resiste e canta. Seu canto é um agradecimento ao mulungo, que mata mudende.

Está fria, a cacimba até parece chuva, o sol quer desfazer as nuvens, e ela canta porque está contente. Tristeza e alegria fazem cantar a gente de coração.

(CRAVEIRINHA, José, “Mamana Fanisse”, *Hamina e Outros Contos*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 71–75)

João Dias: “Indivíduo preto”

(*Godido e Outros Contos*, 1952, LM)

Este conto de João Dias (1926–1949), inserido numa das primeiras coletâneas de contos na literatura moçambicana, exprime, em registo realista, a denúncia da exploração do homem negro na sociedade colonial.

O caso era simples: o negro António Neves ascendeu a uma posição grada no funcionalismo. Qualquer injustiça sobre ele podia habilmente explorar-se para tentar agitar negros. As perseguições racistas acentuavam-se; a habilidade dos melindrados e a persistência de injustiças causariam na massa negra, não a compreensão clara da pata opressora, mas um mal-estar colectivo, uma vontade de dizer «Não!», a pulmões cheios, de escoinhar sem saber como, nem em quem. Se os negros civilizados fossem contentados no mínimo necessário, a evolução negra até à compreensão da verdade seria muito morosa. Os próprios beneficiados, ego-

isticamente, trairiam o bem-estar de milhões de irmãos. A questão estava toda nisto; não bulir com os negros civilizados, por uma questão de conveniência não muito remota.

Ao despedir-se, o Arcebispo voltou a insistir:

« ... Lembre-se de que as autoridades superiores enfileiram a meu lado nesse pensar. E olhe que não venho armar em defensor de negros. É que é de toda a conveniência que proceda consoante ...»

A mão beijada, o Arcebispo julgou triunfante a sua opinião, e retirou-se.

O Meireles largou o cartão de visita e voltou à janela. Todas as palavras do padre martelando-lhe a memória, lhe pareceram ilógicas. Como nomear um negro, que os futuros subordinados brancos não aceitarão como superior? O Neves é o segundo classificado e já vítima de ratifícios racistas do júri. Há dez vagas de preenchimento urgente. Escasseiam meios de eliminar o concorrente. A arbitrariedade não avançará agora nem um centímetro sem escândalo.

«Se fosses como teus irmãos, mero carregador do cais, ou desentupidor de fossas! ... não levantarias novos problemas a ti e a nós. A vida seria suavemente menos alcantilada. Seria feliz porque eras do teu mundo, e te bastavas nele.

O Meireles dá dois murros no parapeito como que para mudar o ângulo de visão de seus pensamentos. A verdade é que o caso já não é de lamentos. Tem a naturalidade fria das leis físicas. O subdirector esgravata as unhas da mão esquerda, com a unha pontuda do mínimo da direita. Uma sujidade escura cai perdida . . .

O Neves tinha bom comportamento como cidadão e funcionário. Na Administração Civil e segurança pública de nada serviria esse comportamento. Bastava a cor, como cartão de rejeição. Nas outras repartições ... enxameavam aqueles bicos de obra. Negros a quererem ir além do que uma condescente colonização permitia. O Meireles olha com ódio os trabalhadores da rua.

«São todos o mesmo!» Volta a sentar-se e, inseguro, tine a campainha, a que o servente preto Zafania acode.

A farda caqui, os olhos abertos, à espera.

– Costuma pedir-se licença, meu cão! Rua!!! Entra outra vez e com mais respeito.

O Zafania aparvalha-se.

O subdirector precisava falar aos componentes do júri. A ordem de classificação dos concursos castigava-lhe o cérebro. Nevralgia! Lembra as últimas recomendações do arcebispo ... « olhe que não venho armar em defensor de negros. Mas é de toda a conveniência que proceda consoante ...» Os negros das estradas, os serventes, os moleques de casa, o Neves, baralham-se-lhe num xadrez de psicologia e aspectos físicos diferentes, que ele mantém unidos debaixo da raça.

NEGROS! ...

(DIAS, João, “Indivíduo Preto”, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 78–80)

Lília Momplé: “Stress”

(*Os Olhos da Cobra Verde*, 1997, LM)

Lília Momplé (1935) é, junto com Paulina Chiziane, uma grande voz feminina na literatura moçambicana contemporânea, conhecida sobretudo pelas sua coletâneas de contos Ninguém matou Suhura (1988), Neighbours (1996) e Os Olhos da Cobra Verde (1997), de que provém este conto escolhido. O conto foca a realidade pós-guerra civil de Moçambique na sua vertente de um pessimismo extremo, em forma de um retrato antitético de duas personagens exemplares da sociedade moçambicana, sem nomes (uma jovem oportunista, sem escrúpulos, egoísta, amante de um general e um professor à beira da falência pessoal, extremamente pobre e desesperado), cujos destinos se cruzam por mero acaso, por serem vizinhos (o papel de voyeur, curiosamente, cabe aqui à mulher, na obsessão permanente de observar o homem). A participação dos dois na história é simbólica: o homem mal se dá conta da mulher, já que se trata, a nível simbólico, da representante de todo o bem estar inacessível, enquanto a mulher, completamente alheia a uma consciência e sensibilidade social, fanaticamente vigia todos os gestos do homem, metaforicamente desprovido da intimidade, flagelado publicamente.

Neste momento, beberricando o seu *campari* e conversando de coisas agradáveis (nada de guerras e outros enfadonhos assuntos), ela quase consegue libertar-se da obsessão pelo homem que continua sentado na varanda em frente e que, todos os domingos, a ignora e humilha.

Entretanto, o professor, alheio às aflições e raivas que provoca na amante do major-general, escuta com atenção o relato de futebol enquanto bebe a cerveja que hoje encerra, no seu travo amargo, uma ponta de remorso. Remorso que o acompanha desde manhã, quando a esposa o viu chegar com as duas «médias» que fora comprar ao quiosque da esquina.

«Não te esqueças dos livros e da roupa para as crianças. Qualquer dia começam a apanhar faltas», disse ela, fixando intencionalmente as garrafas de cerveja.

«Está bem. Amanhã trato disso», retorquiu o professor, arrumando apressadamente as garrafas na geleira vazia.

Aborrece-o, não tanto a implícita censura da esposa mas, sobretudo, o facto de se ver obrigado a mentir para a sossegar. Sabe perfeitamente que amanhã não vai ter dinheiro para comprar os livros escolares e a roupa para os filhos, provavelmente mal poderá alimentá-los.

Daí este sabor a remorso no travo amargo da cerveja que o professor vai bebendo devagar, para a fazer render até ao fim do relato. Embora também não ignore que, sem

estas curtas horas de evasão ao domingo, uma espécie de ritual de que o relato de futebol e a bebida fazem parte, não poderia suportar a monótona correria dos seus dias.

Desperta sempre com a sensação de que já está atrasado, arranja-se a correr e a correr engole a chávena de chá quase amargo (o açúcar é caro) e o pedaço de pão seco. Fica-lhe sempre uma vontade aguda de tomar café que muito aprecia, sobretudo de manhã, mas não pode dar-se a esse luxo. Corre então para a Escola Secundária onde lecciona. Vai a pé, porque quase não existem machimbombos na cidade e o preço dos *chapas* é proibitivo para a sua bolsa. Chega à Escola transpirado e ciente de que grande parte das suas energias já foram gastas antes de iniciar o trabalho.

Sempre gostou de ensinar e é um dos poucos professores de Escola que seguiu a carreira de docente por vocação. Mas todo o seu entusiasmo inicial se vem desgastando perante turmas de cinquenta alunos, amontoados pelas salas, sem um mínimo de condições para assimilar a matéria. São, na sua maioria, adolescentes que desprezam o estudo e os próprios professores, sobretudo os que não aceitam subornos, como ele. E que, por esse motivo, se apresentam com a roupa puída, os sapatos cambados e até rotos, comparecendo, todos os dias, ofegantes e suados, por não possuírem carro próprio nem dinheiro para *chapas*.

Quando, cerca das 13 horas, as aulas terminam, o professor corre para casa onde o espera o minguado almoço que mal lhe dá forças para preparar as aulas, corrigir exercícios e ainda leccionar no Ensino Nocturno. Finalmente, perto da meia-noite, regressa a casa, extenuado e amargo e estatela-se na cama como um ébrio, para no dia seguinte despertar com a eterna sensação de que já está atrasado. E a corrida recomeça, de manhã à noite, inglória corrida que mal dá para a família não morrer de fome, estranha recompensa para tamanho esforço e tantos anos de estudo.

Ah! ultimamente tem havido algumas surpresas. São os familiares, fugidos da guerra, que encontram abrigo certo em casa do professor, porquanto este bebeu no leite materno o espírito de hospitalidade que o leva a acolhê-los e a repartir com eles o pouco que possui.

A última foragida foi uma tia que, por ser viúva e sem filhos, vivia na Manhiça, zona intensamente afectada pela guerra, com o pai, avô materno do professor. O velho devia ter mais de oitenta anos e recusou-se sempre a abandonar a palhota e o lugar onde se encontravam sepultados os seus mortos. Com efeito, dir-se-ia até que, lá do outro mundo, estes o protegiam, porque nos frequentes ataques da RENAMO àquela região, fora sempre poupado, provocando mesmo, na população, algumas suspeitas de que se entendia com os «matchangas».

Um dia, porém, estava ele sentado à porta da palhota, com as pernas estendidas para as aquecer ao sol, quando surgiu, de repente, um grupo de «matchangas», munidos de espingardas e catanas. Um deles, provavelmente o chefe, ordenou-lhe:

– Velho, dá lá qualquer coisa para comer!

O avô que dormitava um pouco, acordou ainda absorto nos seus sonhos e encarou os homens, sorrindo com a boca desdentada.

– Velho, dá lá qualquer coisa para comer! – exigiu de novo o que parecia ser o chefe.

Os olhos embaciados do avô mal distinguiam os recém-chegados e muito menos o seu esgar cruel, as espingardas e catanas; tão pouco os seus ouvidos alcançaram aquelas palavras ríspidas e urgentes. Portanto deixou-se estar, sorrindo sempre, mesmo quando o homem que falava, já irado, rosnou: – «Este velho já está-me a chatear», depois do que, sacando de uma «experiente» catana, lhe decepou a cabeça. Esta caiu, direita como um troféu, de olhos vítreos e boca escancarada, ao lado do corpo que continuou encostado à palhota, encharcando-se lentamente de sangue.

Tudo isto observou a tia do professor, por uma fresta da janelinha de madeira do seu quarto, tudo isto ela observou, tremendo de medo e indignação, sem poder socorrer o velho pai, nem sequer gritar.

Os «matchangas» acabaram por entrar na palhota e ela só teve tempo de fugir pelo quintal e correr para o esconderijo no meio do mato, onde permaneceu até aqueles partirem. Quando regressou à palhota encontrou-a completamente saqueada. E, qual lúgubre sentinela, o velho pai lá estava, o corpo hirto e ensanguentado, encostado à palhota, a cabeça ao lado, com a boca escancarada, sorrindo para a eternidade.

(MOMPLÉ, Lília, Stress, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 136–139)

Pepetela: O Cão e os Caluandas

(1985, LA)

A ação desta narrativa de Pepetela passa-se em Luanda nos anos 80 e constitui-se como uma sátira social, a crítica ao oportunismo, à burocracia, à corrupção, ao socialismo esquemático, ao pragmatismo, ao tribalismo, ou à falta de objetividade dos media. O princípio interno que orienta o caráter de toda a narrativa, pode ser denominado o hibridismo: assiste-se a um hibridismo estrutural (capítulos aparentemente díspares, feitos de relatos orais ou escritos de personagens, de anúncios de jornal, de excertos de peças de teatro, de diálogos, de actas etc.), tal como a um hibridismo a nível de personagens (a diversidade da população luandense, sendo a própria cidade apresentada como uma “Babilónia ingovernável, uma Torre de Babel”). Com base na cumplicidade com o género picaresco, a narrativa conta uma invulgar errância de um cão, acentuando-se, para além deste, outros motivos animais e naturais (a toninha como símbolo da utopia, sonho e amor, e a buganvília que à maneira de um “polvo tentacular” tudo invade, tornando-se um símbolo do real, de uma certa burguesia nascente).

TICO, O POETA

O cão olhou para mim e mexeu a cauda. Era grande e bonito, um canzarrão simpático. Mas se via comia muito. E nesse tempo de crise, nem que tinha carne para mim, quanto mais... Passei de lado. Cada um na sua vida!

Ele veio atrás. Cruzei a Mutamba, desci prá Baixa. Esqueci o bicho. Mas quando olhei para trás, ele vinha. Que raio! Será que animal vê nos olhos da gente quando o apreciamos? Como uma garina que ao lhe lançarmos uma mirada de fogo bate com os olhos, captando?

Nos tempos, um cão desses eu tinha medo: boca capaz de abraçar uma perna. Mas ele nada mostrava de maldade, nada mesmo. Os olhos eram alegres, a cauda a mexer, caminhando no meu cheiro.

Foi aí que dei encontro na tia Alice. Devia de andar fazer compras, pois que carregava um cesto vazio. A senhora travou-me logo:

– Xê, Tico. Tás fazer o quê?

– Nada. Passear.

O cão parou atrás. Ficou de longe a cheirar a tia Alice, focinho no ar, sem aproximar.

– Quando que comesas a trabalhar?

– Não há trabalho, tia Alice. E para mim não pode ser trabalho qualquer.

– Menino, deixa de mentiras. Um rapaz novo, cheio de força, não tens trabalho? Não queres, masé. Uma vergonha! A tua mãe é que faz tudo.

– Ora, ela tem boa profissão, de kitandeira. É o que dá mais, nestes tempos de agora. Eu estou sempre à procura, mas nada.

– És um parasita. Como se diz no jornal.

– Devagar, devagar, tia Alice.

– Porque não vais colher café então? Parece falta muita gente para trabalhar no café.

– E deixar a Lua? Tia, deixe esses campunas ir no café, eu sou rapaz da cidade. Com estudos, segundo ano do Liceu, um intelectual revolucionário ... Até tenho um poema publicado no jornal.

A velha muxoxou. Mas não tinha palavras para continuar a ofender, o meu verbo fácil arrumou-a. Olhou o cão. Mudou de assunto.

– Onde é que arranjaste?

– Bonito, não é? Engraçou comigo, está andar a seguir-me.

– Hum! Quem lhe dá de comer, és tu?

– Não. Travámos conhecimento agora.

– Deixa desses conhecimentos e vai masé trabalhar.

Ou então vai na tropa, já tens idade.

– Hi, na tropa? O meu tio João Domingos fez a guerrilha contra os tugas. Catorze anos na mata. Já chega, a família lutou muito.

– Contigo não dá mesmo para conselhar. Vou nas compras.

– Vai encontrar?

– Disseram-me ali tem uma bicha. Vou ver o que está andar a sair.
– Ali na esquina?
– Sim, atrás do Banco.
– Geleiras, já vi.
– Geleiras? Sukua! Não tenho luz em casa.
– Compre na mesma, tia. Dá pra guardar os sapatos enquanto não tem a luz.
– Sempre a brincar, não é? Julgas eu vim do mato ontem? Meu pai já nasceu nesta cidade de Luanda...

– E queria que eu fosse para o mato, hein, tia? Tá embora ver que não posso? Sem mais, camarada, me permita me despeço.

E deixei a velha no passeio, a abanar a cabeça. Mania que essas velhas de agora têm de dar conselhos. O cão cheirou mais a tia Alice, deu uma mirada no cesto vazio, apostou em mim. Estás mal, canzarrão, essa velha tem mais comida que eu, pois que não vou a casa. Se queres vir, mesmo assim, podes vir, até dá banga passear com um cão desses pela Baixa. Nos tempos, só os brancos que andavam com um mamífero atrás. Mas agora é a independência, até um patrício já pode.

Pensei então mas o assunto dá para um poema. Cruzei a Marginal, sentei-me num banco à sombra duma palmeira, matutando. O cão sentou logo no chão, ao meu lado.

Era isso. Agora, com a abolição das classes sociais, ao que diziam; não havia mais diferenças. Por isso mesmo um patrício podia ter um cão desses, que dantes só os brancos e polícias podiam ter. Porque o patrício tinha enriquecido? Não, mas porque o cão se tinha proletarizado. Recordei uma passagem de Marx lida no jornal: sociedade de proletários. O cão, que nos tempos era burguês, agora tinha virado proleta, talvez porque o dono bazou na Melói. Podia ser meu. Dava mesmo para um poema revolucionário.

O bicho se chegou mais e fez uma festa na cabeça. Juro mesmo ele estava a sorrir.

– Cão, nem sei o teu nome – falei então. – Mas vê-se mesmo és o resultado da luta de classes. Operário-camponês versus pequena-burguesia. Não confundir versus, que é grego, com versos, que é poesia, o meu forte. Só sabes morder, abanar o rabo, versus para ti é latinório! Quer dizer agueineste, topas? Portanto, tu perdeste a casa, a paparoca, tudo. Agora és vadio, proletário. Mergulhaste no seio do povo explorado cinco séculos. Vais virar um tipo faine, um operariocamponês. Amanhã vou te ler o poema, vais gostar.

O cão parecia compreender. Mexia a cabeça para cima e para baixo, no ritmo mesmo da minha fala. Mas a beíçola estava sorrir.

(PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Lisboa: D. Quixote, 1997, p. 11–14)

Pepetela: Predadores

(2005, LA)

Neste retrato impiedoso da realidade sociopolítica angolana, assente no egoísmo dos poderosos e na exploração dos pobres, Pepetela exprime, numa linguagem cruel e com queda para o calão, a sua máxima desilusão. O romance descreve, por um lado, a ascensão social e económica de um empresário, apoiado pelos membros do governo do MPLA e, por outro lado, narra os destinos de personagens à margem do sistema, do luxo e da corrupção, algumas delas vivendo na pobreza humilhante. Trata-se de uma das mais explícitas denúncias do mal e da destruição dos ideais que serviram de base na formação do país independente.

Setembro de 1992

O homem de impecável fato azul, que passaremos a chamar Vladimiro Caposso, rodou cuidadosamente a chave na fechadura do apartamento, de modo a não fazer barulho. Mal abriu a porta, ouviu os gemidos de Maria Madalena, a grande cabra, e os urros de gozo do dito Toninho. Não precisava de mais para confirmar o que José Matias tinha declarado. Silenciosamente, avançou no apartamento até à porta do quarto que tão bem conhecia. Nem precisou entrar para assistir ao espectáculo dos corpos nus se movimentando freneticamente.

Na rua acontecia uma passeata política, com muitos carros cheios de gente agitando bandeiras rubronegras, cartazes, jovens de camisolas vermelhas e punhos erguidos, gritando slogans e canções políticas. Faltava uma semana para as eleições. A essas passeatas de pessoas empoleiradas em carros, dezenas de carros embandeirados a buzinar e centenas de cidadãos a gritar, o povo no seu aprendizado da recém-chegada democracia chamava carreatas, pois as passeatas deviam ser nomeadas apenas no caso de manifestações a passo. Esta era talvez a maior concentração de veículos de sempre, na maior parte carros pertencentes ao património do Estado, buzinando estridulamente.

Caposso apontou com frieza do lado de fora do quarto, retendo a respiração, como aprendera da arte de bem disparar. Esvaziou o carregador da pistola. Os tiros foram bastante abafados pelo barulho atroador da carreata. Entrou no quarto, empurrou com o cano da pistola o corpo do homem morto. Verificou que ela também estava morta, três buracos perto do coração. Nem souberam porquê morreram, foi pena, a cabra devia sofrer com o medo da morte, para perceber o que lhe acontecia, e perceber também os riscos incorridos ao gozar com ele. Mas seria perigoso chamar a atenção do par amoroso, olhar para eles olhos nos olhos, ver o medo crescer nos dela, as cenas habituais de ameaças, os gritos, as preces, as mentiras, as implorações, as últimas simulações do dese-

spero, perda de tempo permitindo alguma coisa entretanto acontecer e estragar tudo, não, assim era melhor, uns tiros misturados ao barulho da rua e os pombinhos morreram na ignorância. Dava no mesmo. Não era por eles que fazia esta matança, era por si próprio. Saiu do quarto, guardou a arma, foi à mesa da sala onde sabia haver sempre marcadores e canetas. Com uma caneta de feltro vermelha, escreveu numa folha de papel em maiúsculas e com a mão esquerda «Ninguém trai a UNITA sem deixar a vida». Atirou a folha de papel para cima dos corpos, bateu a porta sem a fechar à chave e foi embora. Nenhum vizinho se apercebeu, pelo menos o corredor estava vazio. À porta do prédio, na rua, as pessoas formavam um grupinho ainda a comentar política por causa da passeata, ninguém reparou no senhor de fato azul e óculos escuros que dobrou a esquina e entrou no Volvo cinzento, reluzente de novo.

Só então Vladimiro Caposso suou e suspirou. Não suou demasiado, não era caso para tanto. Descalçou as luvas, guardou-as no bolso do casaco, desabotoou o colarinho e desapertou um pouco a gravata. Ligou o motor e o ar condicionado, mas mantendo-se estacionado. Agora, com calma, vamos recapitular as coisas para não ficarem erros para trás. A primeira lembrança foi de logo fazer encolher o estômago ao mais corajoso, viera de luvas desde a casa até ao carro, numa cidade em que ninguém usava luvas excepto a Guarda Presidencial em parada. Asneira, esperava que ninguém tivesse reparado, todos distraídos com a carreata. Já a ideia de atribuir o crime à UNITA tinha sido de mestre. De facto foi de pensamento absolutamente frio, estranhamente frio dadas as circunstâncias, que resolveu passar à acção. Foi logo a seguir a José Matias, seu homem de mão mandado vigiar Maria Madalena, lhe confirmar as suspeitas, a cabra andava mesmo a pôr-lhe os cornos com um Toninho qualquer, pouco interessava o nome e posição social.

Nesses tempos conturbados de mudanças políticas, fim do regime de partido único e suspensão da guerra civil, seguidos de uma campanha eleitoral problemática, tinha resolvido voltar a olear a pistola que possuía há muito e fez algumas sessões de treino ao alvo no terreno que possuía fora de Luanda. Podia precisar da arma e da sua pontaria apurada para se defender e à família, ninguém podia prever um futuro tranquilo. Portanto, arma tinha. Bastava coragem para resolver o assunto e dispor as coisas de modo a não ser incomodado pela polícia. Se atirasse as culpas para a UNITA, o partido que afrontara o governo na guerra civil e cuja violência era reconhecida até pelos próprios aderentes mais imparciais, ninguém ia investigar nada. A polícia governamental acusaria a UNITA, esta se defenderia, dizia ser manobra política para a desmoralizar antes das eleições, o partido no poder, o MPLA, aproveitava imediatamente para relembrar outros crimes cometidos pelos rivais, a polémica se instalava e ninguém ia investigar coisa nenhuma. Porque se o fizessem, não seria difícil chegar até ele, pelo menos apontando-o como possível suspeito. Por ciúmes. Ele montara casa para Maria Madalena, algumas pessoas sabiam que andavam juntos, não muitas porque ele era discreto, tinha aprendido não adiantava fazer ondas só por vaidade, as ondas só perturbam os negócios

e complicam a vida, trabalho escondido era mais eficiente, lema de Vladimiro Caposso. Mas havia um número suficiente de pessoas que sabiam da relação para isso chegar aos ouvidos policiais.

(PEPETELA, *Predadores*. Alfragide: D. Quixote, 2008, s. 9–11)

José Eduardo Agualusa: *Barroco Tropical*

(2009, LA)

Os alicerces ideários deste romance de Agualusa assentam na reflexão sobre a imagem e identidade de Angola, na pós-colonialidade e contemporaneidade. Segundo a proposta deste texto, cheio de mistérios, de personagens extravagantes e pitorescas, de peripécias aventureiras e um tanto inverosímeis, cujo cenário é prioritariamente luandense, o retrato identitário deve consistir no princípio de hibridez e exuberância. Daí a conotação barroca (no sentido de um excesso verificado a nível da intriga) que veicula a imagética propícia (os motivos de anjos, de labirintos, de inferno, de suplício etc.). Um dos motivos de força compreende um prédio luandense, lugar de morada do protagonista, que atualiza o imaginário arquetípico (os andares superiores, pertencentes aos mais ricos, em geral dotados de capacidade criativa, contrastam com o subterrâneo, espaço do vício, extrema pobreza e terror irracional).

Quando eu nasci, Luanda ainda usava todo o seu belo e sonoro nome cristão: São Paulo da Assunção de Luanda. Velha matrona mulata, orgulhava-se do parentesco com cidades coma Havana, Saint-Louis, em Casamance, ou São Sebastião do Rio de Janeiro. Foram os brasileiros, aliás, que vieram em seu socorro quando, em 1641, os holandeses aproveitaram a distração ibérica para ocupar a Fortaleza de São Miguel. Vi a minha cidade tornar-se africana. Vi os orgulhosos prédios da baixa - que a burguesia colonial abandonou dias antes da independência - serem ocupados pelos deserdados dos musseques. Vi-os (aos deserdados) a criarem galinhas dentro das despensas, cabritos nos quartos, e a acenderem fogueiras no meio dos salões com as bibliotecas deixadas pelos colonos. Vi mais tarde esses mesmos deserdados a abandonarem os apartamentos em ruínas, a troco de fortunas (alguns) ou de meia dúzia de tostões (outros), sendo substituídos pela novíssima burguesia urbana, ou por expatriados pagos a peso de ouro. Vi cair o belo Palácio de Dona Ana Joaquina, a golpes de camartelo, para ser substituído por uma réplica em mau betão, e achei que era uma metáfora dos novos tempos - o velho sistema colonial e escravista a ser substituído por uma réplica ridícula em nefasto calão dos musseques. Mais tarde (tarde de mais) compreendi que não havia ali metáfora alguma, apenas um casarão que caía. Mui-

tos outros tombaram a seguir, entre os quais o belíssimo mercado do Quinaxixe, desenhado por Vasco Vieira da Costa, um dos primeiros edifícios de traça modernista construído em África. No lugar dele levanta-se agora um fátuo delírio de vidro e betão.

Os lucros do petróleo fizeram florescer altos edifícios de paredes espelhadas. A seguir, o preço do petróleo caiu (caiu desamparado, estatelou-se) e todo aquele radiante mundo novo entrou igualmente em colapso. Deixou de haver dinheiro para lavar as imensas vidraças, e estas cobriram-se de uma áspera camada de poeira vermelha, de lama, e por fim de uma carapaça capaz de resistir à mais forte pancada de chuva e totalmente impenetrável à luz. As bombas que levavam a água para os andares mais altos avariaram. Os geradores também. Muitos expatriados foram-se embora. Os deserdados voltaram a ocupar os prédios. Luanda corre a toda a velocidade em direcção ao Grande Desastre. Oito milhões de pessoas aos uivos, aos choros e às gargalhadas. Uma festa. Uma tragédia. Tudo o que pode acontecer acontece aqui. O que não pode acontecer, acontece igualmente. Estamos no século XXI. Estamos lá muito atrás. Estamos mergulhados na luz. Estamos afundados no obscurantismo e na miséria. Somos incrivelmente ricos. Produzimos metade dos diamantes vendidos no mundo. Temos ouro, cobre, minerais raros, florestas por explorar e água que não acaba mais. Morremos de fome, de malária, de cólera, de diarreia, de doença do sono, de vírus vindos do futuro, uns, e outros de um passado sem nome.

Um dia alguém pintou uma frase na parede do Aeroporto Internacional de Luanda: «Bem-vindo à Lua. Entre e deixe a razão lá fora.»

(Lua é o diminutivo carinhoso com que nós, os luandenses, nos referimos à nossa cidade. Acho um termo muito acertado. Luanda partilha com a Lua a mesma árida e agreste desolação, a mesma poeira sufocante. Todavia, como a Lua, vista de noite, e de longe, parece bela. Iluminada, seduz. Além disso a sua luz tem o estranho poder de transformar homens simples em lobos ferozes.)

(AGUALUSA, José Eduardo, *Barroco Tropical*.
Alfragide: Dom Quixote, 2009, p. 92–94)

Tinha passado dois meses à procura da Menina-Cão. Soube da sua existência através de uma breve nota no *Correio de Luanda*:

Uma Menina-Cão vem assustando os moradores do Kilamba Kiaxi. Populares afirmam ter visto uma menina a conduzir uma alcateia de cães selvagens pelas ruas do município. Segundo diversos testemunhos a menina, que se comunica com os cães através de uivos e latidos, e assalta quintais para furtar galinhas e outros animais domésticos, não aparenta ter mais de nove anos. A Menina-Cão também já

foi avistada no Sambizanga e no Cazenga. Há quem acredite que o seu habitat natural é a Lixeira do Golfe. Recorde-se que a Lixeira do Golfe, entretanto desactivada, recebia no início do século cerca de 2500 toneladas de lixo por dia.

Fiquei curioso. A ser verdade teria ali bom material para um documentário. Liguei para o *Correio de Luanda* e consegui falar com o jornalista que escrevera a nota. Confessou não saber mais nada. Um amigo telefonara a contar o caso. A ele nem sequer ocorrera confirmar a informação. Perguntei a Rato Mickey se ouvira falar numa Menina-Cão. Mickey sabe tudo o que se passa em Luanda, quer no mundo da política e do espectáculo, quer no universo bem mais vasto, complexo e misterioso dos grandes musseques que cercam a cidade. O meu amigo confirmou: sim, escutara vários relatos sobre uma Menina-Cão. Uma feiticeira, dizia-se, capaz de se transformar em cachorro, e cuja mordedura provocava a morte lenta da vítima por envenenamento.

Na manhã seguinte fui visitar a Lixeira do Golfe.

Entre nós vai-se tornando difícil distinguir entre cidade e lixeira. Conheço bairros, vastos como metrópoles, erguidos sobre o lixo, e a partir do lixo, numa bizarra e cruel harmonia. Vi velhos contentores ferrugentos transformados em salões de beleza e valas para escoamento de águas abertas no próprio lixo. As paredes das barracas erguem-se à pressa, com tijolos de cimento, e são depois cobertas com folhas de zinco. Sobre estas colocam-se pesadas pedras para que o vento as não levante. Recentemente, durante uma tempestade, um desses telhados soltou-se, ergueu-se nos ares, ganhou velocidade, e ao descer decapitou um ciclista. A cabeça dele apareceu na primeira página d'*O Impoluto*. Lembrei-me, ao vê-la, da cabeça de João Baptista, da cabeça de Maria Antonieta, da cabeça de Zumbi, da cabeça de Lampião, da cabeça de Ernesto Che Guevara, e de tantas outras famosas cabeças sem corpo. Aquela era uma cabeça anónima. Se fosse um jornalista independente, ou um político da oposição, poderia ser tentado a ver nela «a cabeça do povo angolano». Não sou. Olhei para a cabeça e vi uma cabeça.

Pessoas a viver no lixo é algo comum. A mim o que me interessava era confirmar a alegoria – uma menina que desenvolvera a capacidade de se comunicar com cães devido à incapacidade de se fazer ouvir pela restante humanidade.

Montei um observatório na Lixeira do Golfe. Passei noites em claro, escondido com a câmara atrás de uma rede, no alto de uma velha grua. Numa madrugada de nuvens baixas ouvi o latir de cães. Vi-os saltar do nevoeiro como fantasmas aflitos. Conteí onze. Velhos rafeiros com as orelhas cortadas. Pastores-alemães. Um galgo ainda altivo. A menina vinha à frente. Corria sobre os pés e as mãos, com as costas em arco, o rosto ligeiramente erguido, farejando o ar. A espessa cabeleira descia-lhe pelos ombros, em rudes tranças sujas. Tinha as costas cobertas por uma pelagem grosseira, à qual se agarravam pedaços de lama seca e de alcatrão. O rosto, todavia, era quase belo. Um súbito golpe de vento alertou a matilha para a minha presença. A menina voltou-se contra mim num ladrar furioso. Os cães rodearam a grua. Se eu estivesse ao alcance deles ter-me-iam

despedaçado às dentadas. O ataque durou dois, três minutos no máximo. Então a menina voltou a ladrar, dois fortes latidos ríspidos, e a matilha mergulhou de novo na neblina. Já passava do meio-dia quando consegui coragem para descer da grua e correr até ao carro.

(AGUALUSA, José Eduardo, *Barroco Tropical*.
Alfragide: Dom Quixote, 2009, p. 138–140)

José Eduardo Agualusa: Teoria Geral do Esquecimento

(2012, LA)

Neste romance, José Eduardo Agualusa prossegue com a sua questionação da imagem do país, através de uma(s) história(s) extraordinária(s). A linha de ação principal desenvolve-se num prédio luandense (chamado Prédio dos Invejados) que funciona como um símbolo do colonialismo: pertencente aos mais ricos prédios da Luanda colonial, perde o seu aspeto luxuoso após a independência, ajustando-se às necessidades dos novos habitantes, na maioria vindos do interior do país, sem mentalidade urbana. Após a independência, uma portuguesa já idosa, excessivamente medrosa e solitária, acaba por viver nesse prédio completamente isolada, cortada do resto do mundo por um muro improvisado.

Depois do fim, o tempo desacelerou. Pelo menos foi essa a perceção de Ludo. A 23 de fevereiro de 1976 escreveu no primeiro dos diários:

Hoje não aconteceu nada. Dormi. Dormindo sonhei que dormia.

Árvores, bichos, uma profusão de insetos partilhavam os seus sonhos comigo. Ali estávamos todos, sonhando em coro, como uma multidão, num quarto minúsculo, trocando ideias e cheiros e carícias. Lembro-me que fui uma aranha avançando contra a presa e a mosca presa na teia dessa aranha. Senti-me flores desabrochando ao sol, brisas carregando pólenes. Acordei e estava sozinha. Se, dormindo, sonhamos dormir, podemos, despertos, acordar dentro de uma realidade mais lúcida?

Uma manhã, levantou-se, abriu uma torneira e a água não jorrou. Assustou-se. Ocorreu-lhe pela primeira vez que poderia permanecer longos anos encerrada no apartamento. Fez um inventário do que havia na despensa. Não precisaria preocupar-se com

o sal. Encontrou também farinha para vários meses, bem como sacos e sacos de feijão, pacotes de açúcar, grades de vinho e de refrigerantes, dezenas de latas de sardinha, de atum e de salsichas.

Nessa noite choveu. Ludo abriu um guarda-chuva e subiu ao terraço, arrastando baldes, bacias e garrafas vazias. Manhã cedo cortou as buganvílias e as flores ornamentais. Colocou uma mão-cheia de caroços de limão no canteiro onde enterrara o minúsculo assaltante. Em quatro outros semeou milho e feijão. Em outros cinco plantou as últimas batatas que lhe restavam. Uma das bananeiras carregava um enorme cacho. Tirou algumas bananas e levou-as para a cozinha. Mostrou-as a Fantasma:

Vês? Orlando plantou as bananeiras para que produzissem lembranças. A nós vão matar-nos a fome. Ou melhor, a mim vão matar-me a fome, suponho que tu não aprecias bananas.

No dia seguinte, a água retornou às torneiras. Dali para a frente iria falhar com frequência, assim como a eletricidade, até desaparecer de vez. Nas primeiras semanas, incomodavam-na mais os apagões do que os cortes de água. Fazia-lhe falta a rádio. Gostava de ouvir o noticiário internacional na *BBC* e na *Rádio Difusão Portuguesa*. Escutava também as estações angolanas, mesmo se a irritavam os constantes discursos contra o colonialismo, o neo-colonialismo e as forças da reação. O rádio era um aparelho magnífico, com caixa de madeira, estilo *art deco*, e teclas em marfim. Carregava-se numa das teclas e ele iluminava-se como uma cidade. Ludo girava os botões à procura de vozes. Chegavam-lhe frases soltas em francês, inglês ou nalguma obscura língua africana:

... *Israeli commandos rescue airliner hostages at Entebe ...*

... *Mao Tse Tung est mort...*

... *Combattants de l'indépendance aujourd'hui victorieuse...*

... *Nzambe azali bolingo mpe atonda na boboto...*

Além disso havia o gira-discos. Orlando colecionava *LPs* da canção francesa. Jacques Brel, Charles Aznavour, Serge Reggiani, Georges Brassens, Léo Ferré. A portuguesa ouvia Brel enquanto o mar engolia a luz. A cidade adormecendo e ela deslembrando nomes. Uma nesga de sol ardendo ainda. E a noite, pouco a pouco, e o tempo se alongando sem rumo. O corpo fatigado e a noite de azul em azul. O cansaço calcando-lhe os rins. Ela supondo-se rainha, acreditando que alguém, em algum lado, a esperaria como se espera uma rainha. Mas não havia ninguém, em qualquer lugar do mundo, aguardando por ela. A cidade adormecendo e os pássaros como vagas, e as vagas como aves, e as mulheres como mulheres, e ela nada segura de serem as mulheres o futuro do Homem¹¹.

Uma tarde, despertou-a um redondo alvoroço de vozes. Levantou-se em pânico, imaginando que iam invadir-lhe a casa. A sala de visitas dava para o apartamento de Rita Costa Reis. Colou o ouvido à parede. Duas mulheres, um homem, várias crianças. A voz do homem

11 *La ville s'endormait / Et j'en oublie le nom / Sur le fleuve en amont / Un coin de ciel brûlait / La ville s'endormait / Et j'en oublie le nom*, etc. Jacques Brel em *La ville s'endormait*

era ampla, sedosa, muito agradável. Falavam entre eles numa daquelas línguas melódicas e enigmáticas que por vezes o rádio lhe trazia. Uma ou outra palavra soltava-se do conjunto e ficava aos saltos, como uma bola colorida, indo e vindo no interior do seu cérebro:

Bolingô. Bisô. Matondi.

O Prédio dos Invejados foi-se animando com a chegada de novos moradores. Gente vinda dos musseques, camponeses recém-chegados à cidade, angolanos regressados do vizinho Zaire e legítimos zaienses. Nenhum habituado a viver em prédios de apartamentos. Uma madrugada, bem cedo, Ludo espreitou pela janela do quarto e deu com uma mulher a urinar na varanda do décimo A. Na varanda do décimo D, cinco galinhas assistiam ao nascer do sol. As traseiras do edifício davam para um extenso átrio, que, poucos meses antes, ainda servira de parque de estacionamento. Construções altas, ao lado e adiante, fechavam o espaço. Uma flora desvairada arremessava-se sobre toda a extensão. Água emergia de algum abismo, no centro, e corria solta, até morrer entre montes de lixo e barro, junta às paredes dos prédios. Naquele local espreguiçara-se em tempos uma lagoa. Orlando gostava de recordar os anos trinta, ele, um menino, quando vinha brincar com os amigos entre o capim alto. Encontravam ossadas de crocodilos e hipopótamos. Caveiras de leões.

Ludo testemunhou o ressuscitar da lagoa. Assistiu, inclusive, ao regresso dos hipopótamos (sejam objetivos: de um hipopótamo). Isso sucedeu muitos anos depois. Lá chegaremos. Nos meses que se seguiram à Independência, a mulher e o cão repartiram atum e sardinhas, salsichas e chouriços. Esgotadas as latas, passaram a comer sopas de feijão e arroz. Por essa altura, já se sucediam dias inteiros sem energia elétrica. Ludo começou a fazer pequenas fogueiras na cozinha. Primeiro, queimou os caixotes, papéis sem préstimo, os galhos secos da buganvília. A seguir os móveis inúteis. Ao retirar as traves da cama do casal descobriu, debaixo do colchão, uma bolsinha de couro. Abriu-a, e, sem surpresa, viu dezenas de pequenas pedras rolares no soalho. Após queimar camas e cadeiras começou a arrancar os ladrilhos. A madeira densa, pesada, ardia devagar, gerando um belo fogo. Ao princípio usou fósforos. Esgotados os fósforos passou a servir-se de uma das lupas com que Orlando costumava estudar a sua coleção de selos ultramarinos. Esperava que o sol, por volta das dez da manhã, inundasse de luz o chão da cozinha. Evidentemente, só conseguia cozinhar em dias de sol.

Veio a fome. Durante semanas, longas como meses, Ludo mal comeu. Alimentou Fantasma a papas de farinha de trigo. As noites fundiam-se com os dias. Acordava e via o cão a vigiá-la numa feroz ansiedade. Adormecia e sentia-lhe o bafo ardente. Foi à cozinha procurar uma faca, a de lâmina mais longa, a mais afiada, e passou a trazê-la presa à cintura, como uma espada. Também ela se debruçava sobre o sono do animal. Várias vezes lhe encostou a faca ao pescoço.

(AGUALUSA, José Eduardo. *Teoria Geral do Esquecimento*.
Alfragide: Dom Quixote, 2012, p. 41–45)

Ondjaki: Os Transparentes

(2012, LA)

Ondjaki (1977), o nome literário de Ndalu de Almeida, pertence à nova geração angolana, sensível ao legado dos anos 60 e 70 (em especial Luandino Vieira), que está empenhada em inovar a expressão literária, mas sem abdicar a uma mensagem humanista. Este romance com uma forte carga simbólica oferece mais um retrato desiludido da sociedade luandense contemporânea, focalizando desta vez a vida das camadas mais pobres num prédio do Largo de Maianga. Embora se trate de um prédio meio arruinado, as suas fraquezas são habilmente aproveitadas pelos seus habitantes, num espírito de solidariedade. Entre todas as personagens, bem descritas no seu profundo humanismo, sobressai a figura de um pai da família, Odonato, o desempregado que, a fim de aliviar as despesas da família, decide não comer, tornando-se a pouco e pouco transparente. Numa linguagem simbólica, esta transparência diz respeito ao seu estatuto de pobre, tal como são transparentes todos os pobres – invisíveis para os poderosos e governantes deste mundo. O momento culminante, de alcance apocalíptico, relaciona-se com o egoísmo e cobiça do governo no esforço de, a todo o custo e sem precauções, extrair o petróleo jazente no subsolo urbano.

o Prédio tinha sete andares e respirava como uma entidade viva

havia que saber os seus segredos, as características úteis ou desagradáveis das suas aragens, o funcionamento dos seus canos antigos, os degraus e as portas que não davam para lugar algum. vários bandidos haviam experimentado na pele as consequências desse maldito labirinto com passagens comunicantes de comportamentos autónomos, e mesmo os seus moradores procuravam respeitar cada canto, cada parede e cada vão de escadas

No 1.º andar, os canos rebentados e uma tremenda escuridão desencorajavam os distraídos e os intrusos

a água abundava, incessante, e servia a finalidades múltiplas, dali saía a água para o prédio todo, o negócio de venda por balde, lavagem de roupa e viaturas,

AvóKunjikise era das poucas a atravessar o alagado território sem molhar os pés nem nunca ter experimentado a tendência de escorregar

– isto é um rio – dizia, sempre em umbundu – só faltam peixes e jacarés

a velha chegou a Luanda dias depois da morte da verdadeira mãe de Xilibaba e, não aguentando com a fome, irrompeu pela cerimónia fúnebre confessando entre lágrimas a urgência da sua necessidade, pediu desculpa pela sua atitude e, marcando o uso definitivo de um umbundu cerrado, olhou Xilibaba no fundo dos olhos e falou

– posso rezar pela morte de quem morreu. a minha voz chega até ao outro lado...

Xilibaba, que já sabia ler a vida pelo seu lado mais verdadeiro, acolheu a velha com um copo de vinho tinto, cedeu o seu lugar, pediu que trouxessem um prato de comida com o melhor calulú do comba e teve o cuidado de prevenir que não servissem funji de mistura porque a senhora era como ela, precisava de fuba de milho para aguentar as loucuras e os ritmos de Luanda

– a tua mãe está a rir – a velha falou

– a minha mãe agora és tu – respondeu Xilibaba durante o funeral, e depois das dívidas contraídas para que a senhora tivesse os merecidos comes e bebes em sua honra, Odonato emagreceu para além dos limites regulares da penúria

Xilibaba notou que o marido se tornava mais silencioso, falava com os filhos, comentava assuntos banais com os vizinhos, procurava trabalho e ajustava as pilhas do rádio que não davam energia apesar dos banhos de sol

mas todos os seus gestos, o caminhar pela manhã, coçar a cabeça enquanto lia o jornal encontrado na rua, vestir-se ou espreguiçar-se, todos esses gestos já não produziam ruído algum

a mulher entendeu que, de certo modo, era o marido quem verdadeiramente estava de luto,

no seu olhar estava distante, Xilibaba viu-o ainda jovem e sonhador, atrevido com as mãos e a boca, no tempo em que a surpreendia no primeiro andar alagado, ela a subir com a fruta, ele a esmagar a fruta no corpo da mulher que ria devido à surpresa sabida de fim de tarde

Odonato movia apenas os dedos, os dedos da mão direita acariciavam o anel na mão esquerda, Xilibaba viu Odonato retirar o anel do dedo e guardá-lo no bolso, o diâmetro do dedo já não segurava o matrimonioso anel

suspirou fundo

moléculas de oxigénio inundaram o seu coração, depois as veias e a cabeça, energias renovadas viajaram até às extremidades do seu corpo mas o fenómeno já se havia desencadeado

o oculto é como um poema – chega a qualquer momento.

(ONDJAKI, *Os Transparentes*. Alfragide: Caminho, 2013, p. 16–18)

João Melo: “O elevador”

(*Filhos da Pátria*, 2001, LA)

Os contos de João Melo (1955), em geral de peripécias rápidas, caracterizam-se pelo discurso ideológico e social, abordando as relações entre homens e mulheres e oferecendo

uma sondagem nos vários estratos sociais da Angola urbana. A imagem impiedosa e satírica dos costumes e comportamento humano, porém, realça a miséria dos não favorecidos, à margem da sociedade, ou então dos que por princípio recusam a corrupção. Neste conto, mais uma vez entramos num prédio luandense, desta vez num dos mais chique, símbolo da nação independente, em que uma subida de elevador serve à rememoração e, literariamente, funciona como metáfora da ascensão social, conseguida só pelo exercício do poder e vigarice.

Pelos vistos, ambos tinham combatido contra o *status quo* colonial, mas o novo *status quo* que queriam edificar no país não coincidia. Inclusivamente, naquele tempo, ou seja, no tempo em que os dois combatiam de armas na mão contra o colonialismo português (e não, claro está, no tempo em que decorre a presente narrativa e Pedro Sanga pode ser observado dentro de um elevador, num dos raros novos prédios edificadas em Luanda após a independência do país, com uma cara visivelmente carregada), o Soares era muito mais radical do que ele. Misturando, de forma desconexa, mas convicta, uma retórica marxista absolutamente vulgar, mal colada a cuspe, com violentos sentimentos raciais e tribais, fruto de contraditórios complexos que lhe ardiavam na memória, mas que o narrador não vai esmiuçar, dizia que os catetes é que teriam de mandar na Angola do futuro, pois eram os únicos que já tinham estudado, como o demonstrava, aliás, o exemplo de Agostinho Neto, poeta, médico e revolucionário, que iria conduzi-los até à vitória final.

Nessa “Angola do futuro” que o Soares projectava, seria criado “*um homem novo*“, que teria a missão de edificar o socialismo científico, o regime mais avançado da história da humanidade, onde todos os homens são iguais, nem burgueses, nem proletários, nem brancos, nem mulatos “*e muito menos bailundos*”. Pedro Sanga jamais chegou a esclarecer se o Soares – que sabia perfeitamente que ele era natural do Bié – lhe dizia isso propositadamente, para espezinhá-lo, ou se se tratava de uma daquelas contradições do ser humano – mais habituais do que alguns imaginam –, que (o artigo que usarei a seguir refere-se, como é óbvio, ao ser humano em geral e não apenas ao Soares) o costumam atrair precisamente para aquilo que, no mais secreto e por vezes mais vil recanto da sua alma, odeiam profundamente. Ódio? Talvez não... Como estou a tentar dizer, o homem é um bicho altamente paradoxal. Será ódio, portanto, a palavra mais apropriada? Por outro lado: será de facto inevitável que todo aquele que ontem era odiado passe hoje a odiar quem o odiava anteriormente? Bem, tudo isto é um pouco confuso. A verdade é que ele e o Funje com Pão eram amigos. De tal maneira que, depois da independência, quando, inevitavelmente (afinal, ele pertencia ao clã dos catetes), o nomearam ministro, Soares Manuel João chamou-o para seu director de gabinete, em detrimento de uma prima luandense, o que, a princípio, lhe pareceu um acto de coragem e, simultaneamente, de consideração para com a amizade que há tanto tempo os ligava.

De repente, e talvez porque o ridículo espreita sempre por detrás de qualquer experiência humana, mesmo da mais grandiloquente, Pedro Sanga é assaltado por uma lembrança que o faz recuar até muitos anos atrás, quando o Soares recebeu uma delegação inglesa no seu gabinete, exactamente às treze horas, e deu uma de britânico, propondo que tivessem, enquanto negociavam, “*um almoço executivo*”, ali mesmo no gabinete dele, para não perderem tempo; os carcamanos ainda não tinham tido tempo de responder, estupefactos com a inovação, para eles, por certo, absolutamente improvável em plenos trópicos, quando o Soares abriu resolutamente uma das gavetas da secretária e tirou de lá um pratalhão de funje, uma mistura de vários peixes e ervas nadando num abundante e espesso molho amarelo, com uma pasta meio gelatinosa e escura e dois pedaços de pão que pareciam ali um tanto deslocados (esta a visão rápida dos súditos de Sua Majestade). Ainda hoje, Pedro Sanga não pode deixar de rir quando evoca este episódio. Tem mesmo vontade, agora, de contá-lo àquela mulher que vai com ele no elevador, mas contém-se, na hipótese (*A gaja continua aqui; será que vai também até ao último?*) de ela ser “*mais uma quitata do Soares*”.

(MELO, João, “Elevador”, *Filhos da Pátria*. Lisboa: Caminho, 2008, p.14–17)